

AS CONJUNÇÕES COORDENATIVAS DO PORTUGUÊS: UMA ANÁLISE BASEADA EM LIVROS DIDÁTICOS.

AUTOR(A): ANDRÉA LOPES BORGES¹.

ORIENTADORA: PROF^a. DR^a. ELISETE MARIA DE CARVALHO MESQUITA².

RESUMO:

O presente artigo é resultado da pesquisa de iniciação científica desenvolvida no período de 08/2006 a 08/2007, financiada pelo CNPq, e orientada pela Prof^a. Dr^a. Elisete Maria de Carvalho Mesquita.

A proposta desta pesquisa é analisar o tratamento dado às conjunções coordenativas em livros didáticos que são utilizados pelas séries do Ensino Fundamental (1^a a 8^a) tanto de escola da Rede Pública quanto da Rede particular de Ensino, com o objetivo de constatar semelhanças e/ou diferenças no modo de tratamento desses elementos conectivos entre os livros e algumas gramáticas de Língua Portuguesa do Brasil.

Para o desenvolvimento deste estudo, adotamos como material de análise os livros de 1^a a 8^a séries das coleções: “Lendo e Interferindo” (1^a a 8^a); “Brincando de Escrever” (1^a a 4^a); “Português: Linguagens” (5^a a 8^a) e embasamo-nos teoricamente em autores da Linguística Textual e do Funcionalismo. Foi possível constatar algumas diferenças consideráveis na forma de tratamento das conjunções coordenativas nos livros analisados. Dentre várias outras constatações, percebemos que os livros adotados por escolas particulares têm uma proposta menos superficial no tratamento desses elementos lingüísticos do que aqueles adotados por escolas públicas.

Palavras-chave: conjunção; coordenação; livro didático.

ABSTRACT:

This article is a result of a scientific initiation research developed from 08/2006 to 08/2007, tutored by Elisete Maria de Carvalho Mesquita and financed by CNPq.

The purpose of this research is to analyze the treatment of coordinating conjunction in didactics books used by the fundamental school (1st to 8th), both in public and private schools, so that whenever possible we can certificate differences between the books and some gramatics of Portuguese Language of Brazil.

To develop the research project, we adopt as our object of studying, the following books: “Lendo e Interferindo” (1st to 8th); “Brincando de Escrever” (1st to 4th); “Português: Linguagens” (5th to 8th). It was possible to verify considerable differences on the form of treatment of the coordinating conjunctions on the didactic books analyzed. We perceived that the books adopted by private schools have a less superficial proposal on the treatment of this linguistic elements than the once adopted by public schools.

Key-words: Conjunction; coordinating; didactic book.

¹ Graduanda do curso de Letras da Universidade Federal de Uberlândia – ILEEL. Av. João Naves de Ávila, Bairro: Santa Mônica, Uberlândia – MG, 38400-902, andrealb@let.ufu.br.

² Professora adjunta do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia – ILEEL. Av. João Naves de Ávila, Bairro: Santa Mônica, Uberlândia – MG, 38400-902, elismcm@terra.com.br.

INTRODUÇÃO:

Considerando que as conjunções coordenativas podem assumir diferentes funções nos enunciados em que aparecem, seu estudo baseado em diferentes gramáticas da Língua Portuguesa do Brasil pode ser relevante para estudos e análises posteriores sobre esses elementos lingüísticos não somente em livros didáticos do Ensino Fundamental (1^a a 8^aséries), como também em outros veículos de informação.

Nesta pesquisa, pretendemos verificar os valores assumidos pelas conjunções coordenativas do Português a partir da análise de livros didáticos usados em diferentes séries dos ensinos público e particular brasileiros. Pela observação preliminar e bastante superficial de algumas gramáticas de Língua Portuguesa utilizadas em níveis variados de ensino, é possível perceber que o tratamento das conjunções, principalmente as de coordenação, é feito de maneira muito simplista, principalmente se o comparamos ao que é feito com relação à subordinação. Na verdade, podemos dizer que a maioria das

gramáticas que circula em contexto nacional minimiza o poder de atuação dos elementos coordenativos, na medida em que os considera limitados, sendo que tal limite, normalmente, é fixado na oração.

Pensando nessa lacuna, afirmamos que as ocorrências das conjunções coordenativas presentes nos livros didáticos analisados serão interpretadas e discutidas de acordo com o suporte teórico textual-funcionalista. A escolha dessa base teórica é devido, fundamentalmente, a essas duas correntes lingüísticas possuírem muitos pontos em comum e, principalmente, por enfatizarem o estudo de uma determinada língua dentro de uma perspectiva interacional, uma vez que rejeita a preocupação com

a pura competência para a organização gramatical de frases, a reflexão se dirige para a multifuncionalidade dos itens, ou seja, para uma consideração com as estruturas lingüísticas exatamente pelo que elas representam de organização dos meios lingüísticos de

expressão das funções
a que serve a
linguagem, que por
natureza é funcional.
(NEVES, 2004, p.14).

Assim, podemos dizer que os papéis desempenhados por falante e ouvinte são imprescindíveis numa determinada situação comunicativa, uma vez que a compreensão dos enunciados é o centro de todo esse processo comunicativo.

Na intenção de oferecermos uma análise mais completa, desconsideramos a simplicidade dos termos conectivos, e a partir das teorias mencionadas, acreditamos ser possível tratar das **conjunções coordenativas** de forma mais abrangente, valorizando as possibilidades de ocorrências desses elementos lingüísticos.

Com o tratamento das conjunções coordenativas sob a perspectiva da Lingüística Textual e da Gramática Funcional, acreditamos que haja a possibilidade de uma melhor análise desses elementos de conexão textual, e conseqüentemente, uma melhor classificação dos mesmos, uma vez que tais teorias não se detêm à descrição superficial de frases ou palavras.

A Lingüística Textual tem como objeto de estudo o **texto**, que segundo Isenberg (1970 *apud* FÁVERO; KOCH, 1988, p.13) é a “seqüência coerente de enunciados”. As frases são unidades que se relacionam semanticamente, constituindo, em maior número, um texto, sendo esse fruto de relações semânticas ou de sentido entre as frases que possibilitam a coerência de um texto, pois essas vão se ligando de forma coesa por um encadeamento de sentido.

Considerando a relação semântica entre orações coordenadas, ou seja, ligadas por conectivos considerados coordenáveis, vemos que é o conectivo um dos grandes responsáveis pela determinação do tipo de relação semântica entre frases, embora não seja o único. É como dizem Fávero e Koch,

os elementos
conjuntivos são
coesivos não por si
mesmos, mas
indiretamente, em
virtude das relações
significativas
específicas que se
estabelecem entre as
orações dentro do
período, entre os
períodos dentro de um
parágrafo, entre os

parágrafos no interior do texto. (FÁVERO; KOCH, 1988, p.41).

Assim, de modo geral, podemos dizer que há pontos similares entre a Lingüística Textual e o Funcionalismo quanto ao modo de encarar o funcionamento da língua. Por meio de uma visão também dinâmica, o Funcionalismo trata a língua segundo o contexto em que está inserida, a partir de manifestações do uso. Desta forma, respeita e trata a língua de acordo com princípios de comunicação. O Funcionalismo, então, vem explicar os diversos comportamentos das estruturas lingüísticas sob influências do uso. Vê-se que haverá vários comportamentos para uma mesma estrutura lingüística, dependentes das intenções que envolvem a comunicação.

Em se tratando dos conectivos sob uma visão funcionalista, podemos afirmar que esta permite várias adaptações para determinados elementos numa estrutura lingüística e admite variados níveis de atuação, como já mencionado.

Uma gramática funcional nos permite verificar, por exemplo, a relação semântica entre as frases por meio das intenções do falante no ato comunicativo,

pois, na verdade, a relação semântica entre os enunciados ligados pode ser vista antes de ser estabelecida a união por um conectivo que permite a ligação coerente entre frases que fazem parte de um mesmo contexto. Desta forma, vemos auxílio também na Lingüística textual, que permite a análise do texto, possibilitando uma melhor interpretação por intermédio de um contexto e os motivos da formação de determinadas estruturas comunicativas. Sem tais perspectivas de análise, as frases poderiam ser encaradas apenas como um emaranhado de palavras, o que sabemos não ser uma boa definição para o texto, unidade tão importante da língua.

MATERIAIS E MÉTODOS:

O material usado para o desenvolvimento desta pesquisa é constituído de livros didáticos pertencentes às séries: *Lendo e Interferindo*, da editora Moderna, escrita por Anna Frascolla; Aracy S. Fér; e Naura S. Paes, de 1^a a 4^a e de 5^a a 8^a séries do Ensino Fundamental; *Brincando de Escrever*, da editora IBEP, escrita por Hermínio Sargentim, de 1^a a 4^a séries do Ensino Fundamental; *Português:*

Linguagens, da editora Atual, escrita por William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, de 5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental.

Conforme verificamos, algumas destas coleções apresentam uma grande diversidade de textos, sendo que a língua é vista como um mecanismo vivo presente no cotidiano dos alunos. Os livros didáticos, de forma geral, são um material que possibilitam uma análise prática, uma vez que a escola se utiliza deles para o ensino da Língua Portuguesa, de modo geral. Esse é um dos motivos que justificam a escolha desse material.

Acreditamos que uma análise baseada em livros didáticos nos permitirá perceber como os conectores são vistos na época atual. Nesse sentido, ousamos questionar: os livros didáticos incorporam as inovações da Lingüística no sentido de considerar as conjunções coordenativas como elementos discursivos?

Nosso *corpus* é construído sob uma visão que nos possibilita sermos mais críticos quanto ao discurso, desenvolvendo considerações a respeito das ocorrências e contextos analisados, os quais pensamos ser pertinentes para a explicação do comportamento das conjunções coordenativas no âmbito em

questão, ou seja, como parte constitutiva do processo de ensino de Língua Portuguesa.

Para o estudo do fenômeno lingüístico em questão, apoiar-nos-emos, principalmente, na análise qualitativa dos dados, sendo que considerações quantitativas não serão, obviamente, descartadas de nossa pesquisa, pois nos preocupamos em classificar de forma satisfatória as ocorrências dos elementos conectivos, de forma a responder a algumas questões levantadas e que serão investigadas durante a análise qualitativa, tais como:

a) Livros didáticos adotados em séries de nível mais (ou menos) alto de escolarização favorecem diferentes formas de se considerar o processo coordenativo?

b) É freqüente o aparecimento de conjunções coordenativas com classificações diferentes, mas com a mesma função em um determinado enunciado? Ou seja, que tipo de circunstâncias fazem que as conjunções aditivas, por exemplo, funcionem como adversativas, ou vice-versa?

c) Os autores dos livros didáticos analisados, ao tratarem da

coordenação, usam que tipo de exemplos para a ilustração do que está sendo dito?

Essas e outras questões são, em parte, responsáveis pela compreensão do modo como os livros examinados lidam com as conjunções escolhidas para estudo. Assim, podemos antecipar que durante o desenvolvimento da pesquisa verificamos que nas séries iniciais compreendidas entre 1ª a 4ª do Ensino Fundamental não há o estudo explícito das conjunções coordenativas, porém de 5ª a 8ª séries constatamos a presença de tal assunto.

Com os tópicos que se seguem objetivamos apresentar as análises feitas a partir do *corpus* selecionado.

RESULTADOS:

As conjunções coordenativas segundo os livros didáticos de 1ª a 4ª séries do ensino público:

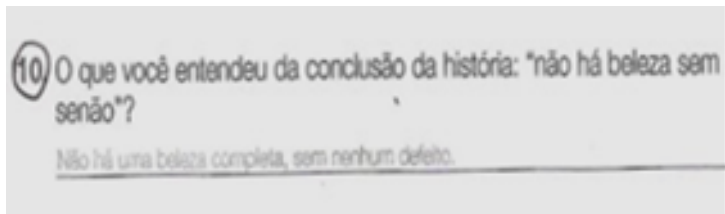
Por meio da análise feita nos livros didáticos da série *Lendo e Interferindo* do Ensino Fundamental, especificamente de 1ª à 4ª séries, procuramos verificar o trabalho com as conjunções coordenativas nas unidades de

cada material. Os livros consultados foram cedidos pela *Escola Estadual Dr. Duarte Pimentel de Ulhôa*, localizada em Uberlândia – MG.

No livro de 1ª série constatamos a ausência de unidades que abordem as conjunções coordenativas. Nesse livro, há uma intenção de levar os alunos a construir as próprias sentenças com exercícios que pedem para escolherem palavras e formarem frases, assim como exercícios de pontuação. No entanto, não podemos dizer que essa seja uma preocupação com as estruturas coordenadas.

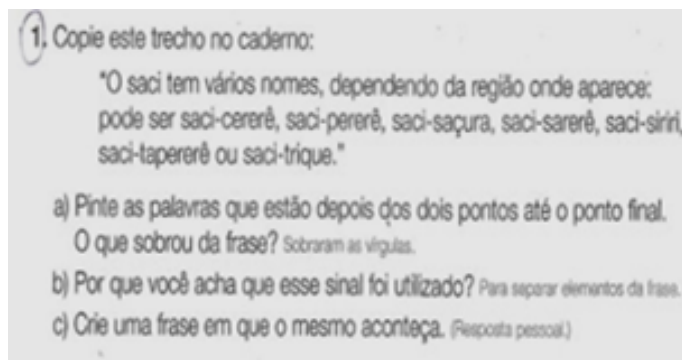
No exercício de interpretação de texto da página 135, os autores Anna Frascolla, Aracy S. Fér e Naura S. Paes fazem a pergunta: “O que você entendeu da conclusão da história: ‘não há beleza sem **senão** (grifo nosso).’?” Verificamos a presença da conjunção **senão** – considerada adversativa por Bechara (2000) –, porém o contexto não deixa explícito o que se quer com o uso dessa conjunção, pois o contexto nos permite concluir que não há a intenção dos autores do livro de trabalharem com tal elemento lingüístico com o papel de conjunção. Na verdade, esse exercício

objetiva trabalhar somente com a capacidade do aluno de interpretar.



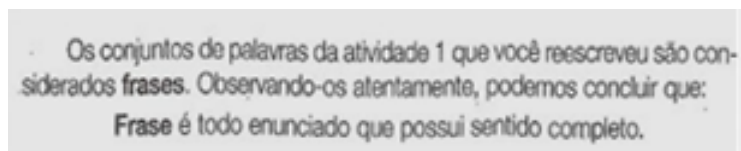
Temos, assim, um exercício de leitura, sendo que a presença de tal elemento lingüístico possibilitará somente o reconhecimento dessa conjunção, porém a reflexão sobre a função lingüística pertencente a **senão** será feita em séries posteriores.

Na 2ª série, permanecem os exercícios para constituírem frases, o que somente leva o aluno à noção de sintaxe ou organização de elementos que possam constituir um enunciado. Na página 79, um dos exercícios presentes pede que o aluno verifique a presença de vírgulas em sentenças e que efeito elas causam. Como resposta pretende-se que o aluno chegue à conclusão de que a vírgula foi utilizada para separar elementos da frase.



Considerando questões coesivas frasais, temos que a pontuação é um dos elementos lingüísticos que permitem a ligação e correspondência coerente dos enunciados. Sendo assim, a partir de exercícios de pontuação, os alunos conseguem perceber, mesmo que de maneira implícita, a relação semântica e sintática entre palavras, frases, parágrafos de um texto, o que contribuirá para que possam verificar posteriormente o importante papel das conjunções.

Na 3ª série, identificamos na página 48 os **princípios frasais**, onde está dito que as frases são todo tipo de enunciado que possui sentido completo, além de exercícios sobre pontuação.



Isso significa que os alunos já possuem conceitos sobre frase ou enunciado e a informação de que frase, de

fato, é tudo que apresenta sentido, ou seja, é compreensível.

Na 4ª série, o foco continua a ser a produção de enunciados e a pontuação, porém os exercícios já exigem maior atenção do aluno, uma vez que as atividades pedem aos alunos a produção de frases por meio da organização de palavras e a verificação da pontuação. Um dos conteúdos do livro nesta série refere-se à **preposição**, (página 204), onde temos a definição: “Preposição é a palavra que liga duas palavras, estabelecendo entre elas uma relação”. Constatamos, assim, que são trabalhados nessa série princípios de conexão.

Qual função no texto têm as palavras que estavam faltando?

Preposição é a palavra que liga duas palavras, estabelecendo entre elas uma relação. As mais comuns são: a, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, por, sem, sob, sobre, trás.

Isso se justifica, talvez, pelo fato de os alunos já cursarem a 4ª série, que corresponde ao fim do 1º ciclo de ensino.

Percebe-se, de modo geral, que nas séries iniciais do Ensino Fundamental, as conjunções e seus princípios de conexão não são trabalhados de forma explícita. Acreditamos que isso se deva ao fato de esses serem elementos lingüísticos complexos e, talvez por isso, os livros de 1ª a 4ª séries levem ao aluno

os mecanismos que possibilitarão a esses apenas reconhecerem alguns elementos coesivos, como **senão**, por exemplo, mas nada que os faça perceberem o que seja conjunção ou coordenação, de modo mais explícito, amplo e/ou rico.

As conjunções coordenativas segundo os livros didáticos de 5ª a 8ª séries do ensino público:

Seguindo os objetivos desta pesquisa, verificamos que os livros didáticos destinados ao ciclo de 5ª a 8ª série consultados, pertencentes à série *Lendo e Interferindo*, e escrita por Anna Frascolla; Aracy S. Fé; e Naura S. Paes, também cedidos pela *Escola Estadual Dr. Duarte Pimentel de Ulhôa*, situada no município de Uberlândia – MG, já introduzem os alunos no universo das conjunções coordenativas.

Constatamos que o material destinado à 5ª série possui em seu conteúdo noções de frases, orações e períodos. Assim, o aluno já pode reconhecer relações de interdependência entre enunciados que se relacionam semanticamente, como verificado no exercício (2) da página 17, especialmente nas letras (a) e (b), que demonstram que a

construção de frases depende daquilo que se deseja expressar.

2 Leia em voz alta:

- I. As palavras andam.
- II. As palavras andam?
- III. As palavras andam!

Chamar a atenção dos alunos para a intenção do falante em cada caso.

a) O que há de diferente nessas frases em relação à linguagem falada e à linguagem escrita?

Linguagem falada: mudança de entonação. / Linguagem escrita: mudança dos sinais de pontuação.

b) Considerando que as diferenças apontadas no item a mudam o sentido das frases, indique a intenção dos falantes em cada frase.

- I. Declarar algo.
- II. Solicitar uma resposta.
- III. Expressar uma emoção.

Nesse sentido, podemos dizer que o exercício espera chamar a atenção dos alunos para a intenção do falante.

Em seguida, na página 18, as autoras, ao tratarem do período composto, pedem que o aluno elabore frases com o objetivo de que ele estabeleça a relação entre as orações ou períodos e, com isso, perceba a relação semântica entre as frases.

Na página 36, há o trabalho com funções sintáticas e a combinação entre as palavras na constituição da frase, e, mais à frente, o tratamento de sujeito simples e composto e do predicado e suas classificações, o que demonstra a constituição de uma oração, além de exercícios que mostram as diferentes grafias do *porquê*.

A análise sintática estuda a relação que as palavras têm entre si dentro de uma oração (funções sintáticas).

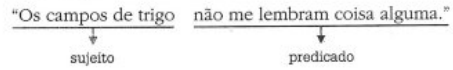
Normalmente, uma oração tem dois termos essenciais: sujeito e predicado. Como identificar o sujeito e o predicado de uma oração?

Observe:

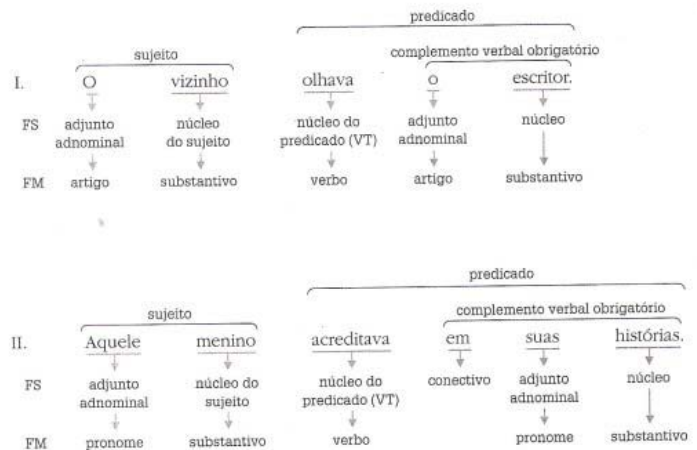
“Os campos de trigo não me **lembram** coisa alguma.”

O verbo está flexionado na 3ª pessoa do plural (eles) para concordar com “os campos de trigo”. “Os campos de trigo” não causam nenhuma lembrança. O sujeito é o termo que determina a flexão de pessoa e número do verbo.

Portanto, temos:



Mais no final do livro, especificamente na página 174, por meio de exemplos de análise sintática, as autoras mencionam e definem **conectivo** como a “palavra que tem a função de ligar elementos na composição das mensagens”, o que permite entender que tal elemento tem o importante papel, dentro da frase, de possibilitar o encadeamento de palavras na construção do sentido que se pretenda.



Conectivo: palavra que tem a função de ligar elementos na composição das mensagens.

Na 6ª série, é retomada a questão de oração, assim como de períodos simples e composto. O aluno é induzido a relembrar a relação entre orações num mesmo enunciado, sendo que continua a ver análise sintática (predicado e as outras classificações do sujeito).

Na página 101, especificamente o exercício 4, pede para reescrever frases, substituindo sinais gráficos por verbos, para exercitar os verbos regulares e irregulares.

4 Reescreva as frases, substituindo os sinais gráficos pelos verbos **dar** ou **fazer** na forma adequada.

- a) ✦ seis horas e o ônibus do time não tinha chegado. Deram
- b) Fiquei esperando que o resultado ✦ ganho de causa ao jogador expulso. desse
- c) O clube ✦ uma grande festa para comemorar a vitória. fez/fez; fazia/fazia; faria/daria; faria/daria
- d) Esperamos que todos ✦ exercícios para obter um bom condicionamento físico. fazem
- e) Se nos ✦ oportunidade, ✦ um belo espetáculo. derem/faríamos; dessem/faríamos
- f) Quando ✦ a notícia, ninguém acreditará. denideram/derramos/dendes/derem

Se considerarmos que, tradicionalmente, os verbos são aqueles que indicam a existência de uma oração, tal exercício é pertinente, uma vez que o reconhecimento de orações e períodos é importante na identificação futura das conjunções, pois uma das funções desses elementos é permitir a junção de duas ou mais orações. Na página 105, o exercício 13 pede para reescrever o texto dado.

13 Reescreva o primeiro período do texto a seguir, passando os verbos para o futuro do presente do Indicativo, na medida do possível.



São 3 CDs-ROM com mais de 2 horas e meia de vídeos interativos onde Zico ensina todos os fundamentos do Futebol, desde fazer um passe para um companheiro até como atingir os grandes objetivos de uma partida: o gol e a vitória.

O aluno pratica, assim, noções de período e de verbos, podendo, reconhecer as conexões entre frases que constituem o texto.

Posteriormente, nas páginas 232 a 234, as autoras partem de período composto para orações coordenadas, que são classificadas em assindéticas (sem conjunção), e sindéticas (com conjunção). Nos exemplos de 1 a 5, verificamos os tipos de conjunções segundo a classificação da gramática normativa.

I.

O homem viu a placa. Ele reparou em sua beleza.
O homem viu a placa, / e reparou em sua beleza.



A conjunção **e** é **aditiva**; ela indica que a idéia expressa na segunda oração está sendo somada à da primeira.

Outras conjunções aditivas: mas, também, nem (adição negativa).

II.

O cronista era um homem muito ocupado. Ele visitaria a flor-de-maio.
O cronista era um homem muito ocupado, / mas visitaria a flor-de-maio.



A conjunção **mas** é **adversativa**; ela indica que a idéia expressa na segunda oração é contrária à da primeira.

Outras conjunções adversativas: porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, etc.

III.

O homem prestava atenção no trânsito. Ele pensava nos dizeres da placa.
Ora o homem prestava atenção no trânsito, / ora ele pensava nos dizeres da placa.



A conjunção **ora** é **alternativa**; ela exprime a alternância entre as duas ações descritas.

Outras conjunções alternativas: ou, ou... ou; quer... quer, etc.

IV.

Preste atenção nas pequenas coisas. Elas são importantes.
Preste atenção nas pequenas coisas, / pois elas são importantes.



A conjunção **pois** é **explicativa**; ela exprime a idéia de que a segunda oração apresenta uma justificativa, uma explicação para a idéia expressa na primeira.

Outras conjunções explicativas: porque, que, etc.

Assim, o material analisado considera como aditiva apenas a conjunção **e**; adversativa, **mas**; alternativa, **ora**; explicativa, **pois**; e conclusiva, **logo**.

Na 7ª série, são apresentadas, na página 15, as relações fundamentais de um texto, a coerência e a coesão textual, sendo que essa última se dá pela presença de conectivos, responsáveis por ligar coerentemente as frases que constituem o texto.

COERÊNCIA E COESÃO TEXTUAIS

Releia o seguinte trecho do texto "Onde já se viu?":

"Pois bem, estava eu ali, muito entretida, examinando os livros, quando de repente senti que alguém me puxava pela manga. Olhei para baixo e vi um menino..."

A autora apresenta os fatos, os detalhes, de forma lógica, construindo um conjunto de idéias com harmonia.

Observe:

Pois bem, estava eu ali, muito entretida, examinando os livros, quando de repente senti que alguém me puxava pela manga. Olhei para cima e vi um homem...

Esse trecho apresenta problema de *coerência*: as idéias não combinam; é incoerente uma pessoa alta, através de um puxão na manga, chamar a atenção de outra.

Em um texto, as idéias são encadeadas pelos conectivos — elementos que estabelecem a *coesão* e explicitam a relação de sentido entre os enunciados.

Observe os elementos de coesão do trecho e a relação que estabelecem:

<p>"Pois bem,</p> <p>↓</p> <p>Retoma a narração inicial, após a interferência da narradora.</p>	<p>estava eu ali,</p> <p>↓</p> <p>Advérbio usado para se referir a um local anteriormente mencionado.</p>	<p>muito entretida, examinando os livros, ..."</p>
---	---	--

Como se vê, a partir da 5ª série do Ensino Fundamental, os livros didáticos analisados manifestam preocupação bem mais acentuada com as conjunções coordenativas, sendo que esse trabalho é feito de modo explícito e similar ao que se verifica nas gramáticas normativas de Língua Portuguesa, como já foi mencionado.

O assunto coordenação propriamente dito é iniciado na página 169 do livro destinado à 7ª série por meio de uma revisão sobre períodos e orações.



PERÍODO COMPOSTO: COORDENAÇÃO E SUBORDINAÇÃO • ORAÇÕES COORDENADAS

As orações são organizadas em períodos que podem ser simples ou compostos. O período composto apresenta mais de uma oração.

Exemplos:

a) "Veja as águas rolando montanhas abaixo e aprecie a dança cíclica desse elemento."

1ª oração: Veja as águas rolando montanhas abaixo

2ª oração: e aprecie a dança cíclica desse elemento.

b) "Dia virá em que, depois de dominarmos os ventos, as marés e a gravidade, dominaremos, para Deus, as energias do Amor".

1ª oração: Dia virá

2ª oração: em que dominaremos, para Deus, as energias do Amor

3ª oração: depois de dominarmos os ventos, as marés e a gravidade

O período simples apresenta uma só oração — **oração absoluta**.

Exemplos:

a) "Aprecie a variedade da Natureza."

b) "E nesse dia, pela segunda vez na história do mundo, o homem terá descoberto o fogo".

Observação

Caracterizam um período os seus limites marcados no início por uma letra maiúscula e no final por um sinal de pontuação conclusivo, ou por reticências quando indicam propositalmente suspensão de pensamento, uma vez que o período deve conter sempre uma idéia completa.

É interessante notar que o enfoque é no período composto e nas relações de dependência. A relação existente entre enunciados é sempre considerada de dependência semântica, mas, no caso da subordinação, as autoras consideram uma

dependência, além de semântica, também sintática.

Nessa série, o livro retoma a classificação de orações coordenadas em assindéticas e sindéticas, porém, são apresentadas outras conjunções. Com relação às aditivas, além de **e** tem-se a conjunção **como também**; às adversativas, além de **mas**, entra na classificação a conjunção **contudo**; às conclusivas, além de **portanto**, o conectivo **logo**; explicativas, além de **pois**³ o conectivo **que**. Quanto às alternativas, além de **ora**, o conectivo **ou**.

No livro didático destinado ao público de 8ª série há a revisão de subordinação e coordenação, iniciada na página 43, e a apresentação do período misto, que ocorre com os dois tipos de oração num mesmo enunciado.

PERÍODO COMPOSTO: COORDENAÇÃO E SUBORDINAÇÃO (REVISÃO) - PERÍODO MISTO

Ao expressarmos nossas idéias através de palavras, podemos construir frases nominais, frases verbais, uma oração absoluta, ou mesmo um período composto.

Lembre-se: frase nominal é aquela que não apresenta verbo; frase verbal (oração) é aquela construída a partir de um verbo; oração absoluta é o período simples; e mais de uma oração formam o período composto.

O período composto pode se dar por coordenação ou por subordinação, ou ainda por coordenação e subordinação ao mesmo tempo, caso em que é denominado **período misto**.

A análise do período composto é, basicamente, o estudo das relações existentes entre as orações do mesmo período.

Analisando o período composto, notamos que sempre há uma relação de **dependência semântica** entre as orações que o compõem. Em outras palavras, o significado de uma oração depende da outra e vice-versa. Quando a relação entre as orações do período composto é apenas semântica, dizemos que o período é **composto por coordenação**. Quando entre as orações se verifica, além da dependência semântica, uma dependência sintática, classificamos o período como **composto por subordinação**.

³ Não há distinção entre o **pois** explicativo e conclusivo, como há nas gramáticas normativas em geral.

Nessa revisão aparecem as principais conjunções coordenativas, segundo as gramáticas normativas, que são: **e**; **mas**; **ou**; **portanto**; e **porque**, essa última não classificada até então.

Verificamos, assim, que os livros didáticos analisados fazem um estudo simplista dos conectivos, na medida em que não há a problematização de tais elementos lingüísticos e eles são vistos sob uma única perspectiva: a normativa.

As conjunções coordenativas segundo os livros didáticos de 1ª a 4ª séries do ensino privado

Apresentamos nesta parte do trabalho a análise dos livros didáticos destinados às primeiras séries do Ensino Fundamental (1ª a 4ª), adotados pela Rede Particular de Ensino.

Os livros analisados correspondem à série Brincando de Escrever do autor Hermínio Sargentim, cedidos pela escola de reforço escolar *Oficina do Ensino*, pertencente à Rede Privada de Ensino do município de Uberlândia – MG.

De acordo com o proposto na pesquisa para esta segunda parte da análise, trataremos de livros didáticos adotados pelo ensino privado, na tentativa

de estabelecermos um comparativo entre livros de escolas pública e particular. Desta forma, a análise consiste em descrever e classificar os livros de 1ª a 4ª séries da coleção *Brincando de Escrever*, e na medida do possível relacionar com as análises feitas a partir dos livros de 1ª a 4ª séries da coleção *Lendo e Interferindo*, já apresentada e parcialmente discutida.

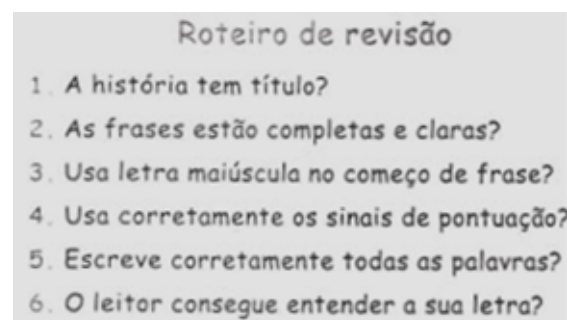
Propomos-nos ressaltar os pontos comuns e divergentes entre esses livros didáticos, procurando, de forma objetiva, verificar se há o tratamento e como é feito das conjunções coordenativas nas séries iniciais de ensino.

Por meio da análise feita, faz-se necessário fazer alguns comentários, num primeiro momento, a respeito da estruturação do livro, assim como os conteúdos que o autor optou por trabalhar nestas séries do Ensino Fundamental (1ª a 4ª).

O livro *Brincando de Escrever* possui em todas as séries uma preocupação com a leitura e os vários gêneros textuais. O livro é estruturado com base em produções e estudos minuciosos de diversos gêneros textuais, e ao fim de cada etapa dessa produção há um processo de revisão textual. Vemos que há uma proximidade com as teorias

adotadas para a composição de nossa fundamentação teórica: A Linguística Textual e o Funcionalismo.

Na 1ª série, os alunos já são questionados sobre o sentido completo das frases. Na página 28, o “Roteiro de Revisão” pede para que seja verificado se as frases estão completas e claras no texto proposto, diferente do livro *Lendo e Interferindo* de 1ª série, que trabalha com a idéia de organização das frases por meio de exercícios de reescrita ou formação de frases.



Considerando que as conjunções coordenativas participam da organização coerente e coesa de frases, de parágrafos e de textos, o estudo do texto no processo de revisão do livro *Brincando de Escrever* é necessário para o melhor reconhecimento da função conectiva dos elementos coordenativos.

Na página 30 é trabalhada a construção de frases por meio de palavras que podem ser relacionadas, porém ainda

não há referência às conjunções coordenativas.

Para construir essas frases, você pode se basear na relação de palavras abaixo:

QUEM?	O QUE FAZ?		
Zezinho	correr	gritar	chorar
Marina	pular	desenhar	beber
Carlinhos	assobiar	empurrar	comer
Maurício	agachar	coçar	rir
Juliana	cair	subir	falar
A bola	jogar	fugir	escrever
A revista	chutar	morder	caçoar
O sinal	amarrar	mostrar	

Na página 36 ainda é exercitada a formação de frases

Percebemos que é fundamental a compreensão da relação semântica entre frases para o bom entendimento da função das conjunções coordenativas, sendo que o estudo de frases e a tentativa de entender seu sentido são significativos para que em séries posteriores se trabalhe com as conjunções coordenativas.

O livro *Lendo e Interferindo* de 1ª série difere do livro *Brincando de Escrever* também da 1ª série, pois exercita somente a construção superficial de frases, além de exercícios de pontuação, que têm sua importância na relação entre frases, porém a exercitam de forma fragmentada, e não transportam todos esses elementos para uma visão maior que seria o texto.

Na 2ª série, um pouco diferente do livro *Lendo e Interferindo*, o livro *Brincando de Escrever* não trabalha com exercícios que pedem somente a reescrita de frases, mas a escrita de textos. Na página 76, há um exercício que pede para que os alunos escrevam uma história usando as palavras de ligação que viram num outro momento relacionadas a textos narrativos, não havendo conjunções coordenativas dentre essas palavras, somente a idéia de palavras que estabelecem ligação. Na página 85, são

2 O que a personagem faz sempre?

3 PREPARAÇÃO

Para cada coisa que a personagem faz, escreva uma frase.

e na página 100 é apresentado o conceito de frase por várias sentenças independentes.

Frase

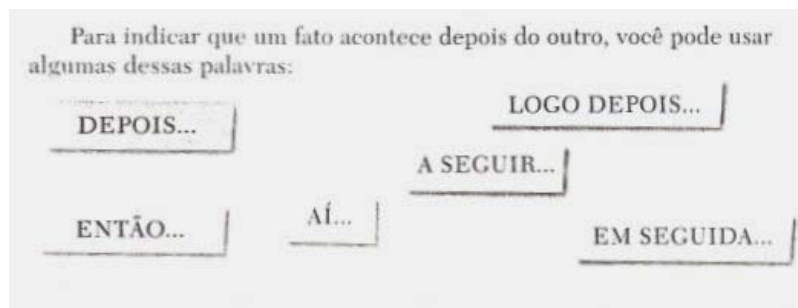
Ao escrever um texto, o autor organiza as palavras em pequenos conjuntos. Veja como isso acontece no texto seguinte.

Mimi

Mimi era um gatinho muito querido.
 Dormia numa linda cesta.
 Tinha uma coleção de laços coloridos.
 Tomava leite num pires cor-de-rosa.
 Tinha até amigos: os filhotes da gata da vizinhança.
 Que bagunça eles faziam!

Fernanda Lopes de Almeida, *Gato que pulava em sapato*. São Paulo, Ática

apresentadas outras palavras de ligação como: **então, depois, logo depois, a seguir, em seguida, aí, então.**



Tais palavras são consideradas conjunções segundo algumas gramáticas normativas. No entanto o exercício não esclarece que se trata desses elementos lingüísticos. No livro de 2ª série “Lendo e Interferindo” é trabalhada somente a pontuação como elemento de ligação ou separação entre as frases, oferecendo um estudo mais simples e pobre do que o oferecido pelo livro *Brincando de Escrever*.

Na 3ª série, o livro *Brincando de Escrever* continua a tratar de princípios de ligação entre frases. Aqui percebemos outra diferença com o livro *Lendo e Interferindo* de 3ª série, que continua a tratar da pontuação como elemento que estabelece a relação entre frases, e apresenta o conceito de frase pela primeira vez. Na página 144 o livro *Brincando de Escrever* faz o estudo de construção de frases por meio de revisão

de texto e aponta alguns elementos necessários para uma escrita coesa e coerente.

As crianças brincando

Era uma vez um menino que se chama Pedrinho e que ele só pensa em jogar bola ele e Nathalia brincam e teve uma certa hora que ele ficou triste porque Nathalia não quis brincar mas Nathalia ficou com pena dele Nathalia falou Pedrinho vamos continuar ele falou oba oba ele respondeu aí que pena eu tenho que parar de brincar Nathalia falou porque Pedrinho porque eu tenho que ir tomar banho não vai agora não eu também tenho que tomar banho emesmo é.

Dayene Suellen, 8 anos

Você deve ter percebido que existem vários problemas nesse texto:

- pontuação;
- repetição desnecessária de algumas palavras;
- seqüência dos fatos;
- ortografia;
- ausência de parágrafos.

O livro *Brincando de Escrever*, da 4ª série, apresenta na página 162, por meio de estudo ortográfico, a conjunção **mas**, no entanto somente para diferenciá-la do advérbio *mais*. O exercício questiona sobre a idéia contrária do **mas**, porém não há explicação de que se trata de uma conjunção adversativa.

Mas / Mais

1. Observe as palavras destacadas:

- ↘ Quero encontrar-me com você **mais** tarde.
- ↘ Esforçou-se muito, **mas** não conseguiu chegar a tempo.

a) Qual das palavras destacadas comunica a **idéia contrária**?

b) Qual das palavras destacadas comunica **intensidade**?

c) Com base no que você, explique quando se usa **mas** e **mais**.

Verificou-se que apesar de não trabalharem de forma direta o conteúdo das conjunções coordenativas, uma vez

que não faz parte do plano de curso da 4ª série, os alunos são levados ao reconhecimento dessas funções conectivas no ato da escrita e leitura, o que leva os alunos à reflexão.

O livro de 4ª série *Lendo e Interferindo* difere do livro *Brincando de Escrever* por tratar somente da construção de frases fragmentadas por meio de organização de palavras e exercícios de pontuação e preposições.

Se as conjunções coordenativas não são vistas pelas séries de 1ª a 4ª do Ensino Fundamental, em sua maioria, não há uma obrigatoriedade no tratamento desses elementos nestas séries, porém uma proposta como a do livro *Brincando de Escrever* prepara o aluno para o estudo efetivo deste conteúdo em séries posteriores, além de proporcionar uma visão condizente com a realidade desses conectivos no momento em que lêem e escrevem.

As conjunções coordenativas segundo os livros didáticos 5ª a 8ª séries do ensino privado:

Partindo do pressuposto de que a análise da primeira parte desta pesquisa nos proporcionou uma noção de

organização dos conteúdos dos livros didáticos e de como e quando seriam tratadas as conjunções coordenativas pelas séries que compõem esse Ensino (1ª a 8ª séries) podemos, assim, nos deter em pontos de divergência e convergência em nossa análise, de maneira a torná-la mais objetiva.

A atual análise foi feita a partir de livros didáticos pertencentes à série: *Português: Linguagens* (2004), escrita pelos autores William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, oferecidos pela escola particular de reforço *Oficina do Ensino*, situada no município de Uberlândia – MG. Optamos por analisar, neste momento, livros adotados pela rede particular de ensino com o objetivo de aumentarmos as possibilidades comparativas. Se Considerarmos que o livro da 5ª série *Português: Linguagens* tem o texto como ponto central, podemos relacioná-lo à Lingüística Textual, e considerando também, que esse livro trabalha as funções da linguagem a partir do contexto em que estão inseridas, ou seja, por meio do uso que se faz de determinado elemento lingüístico num texto, é possível também a relação com o Funcionalismo, que analisa a língua por intermédio do uso que se faz da mesma.

Nesse sentido, podemos afirmar que os objetivos dessa série são coerentes com os pressupostos teóricos adotados neste estudo.

Pretendemos nessa parte da pesquisa desenvolver a análise dos livros pertencentes à série *Português: Linguagens* de 5ª a 8ª séries, com o objetivo de verificar quando e como se dá o tratamento das conjunções coordenativas em cada série, e na medida do possível, fazer considerações a respeito das diferenças entre os livros da série *Português: Linguagens* e da série *Lendo e Interferindo* encontradas até o momento, uma vez que se pressupõe que além de semelhanças, é possível encontrar divergências entre livros adotados pela Rede Pública e Particular de Ensino.

Na 5ª série, os autores da série *Português: Linguagens* têm uma preocupação que persiste durante todo o livro: trabalhar a linguagem por meio de textos, e, diferentemente do livro de 5ª série, intitulado: *Lendo e Interferindo*, apresenta em todas as unidades o trabalho com diferentes tipos de conteúdos por intermédio de gêneros textuais. Desta forma, foi possível constatar que a função a ser desempenhada pelos elementos

analisados neste estudo em cada unidade dos Livros Didáticos depende de seu comportamento num texto, do contexto e de outros fatores textuais.

Tal constatação pode ser verificada no exercício 4 da página 105 que corresponde à parte de produção textual da unidade 2, ou seja, a partir de um texto descritivo chega-se a conclusão de que para descrever podemos empregar orações e comparações, sendo que isso é comprovado por meio de exemplos do texto.

4. No 2º parágrafo do texto, o narrador descreve a cidade onde moram a professora e seus alunos.

- a) Que idéia você faz da cidade, de acordo com a descrição feita pelo narrador?
- b) O narrador descreve fisicamente o boêmio por meio de uma frase. Que frase é essa?

Você observou que, por meio dessa descrição, conseguimos “ver” a professora: como são seus olhos, seus cabelos, como ela entra na sala, como são seu jeito e sua voz. Também conseguimos formar em nossa mente uma imagem da cidade: pequena, no pé de um morro, um lugar onde todos se conhecem.

Os textos narrativos geralmente incluem um trecho descritivo, pois assim tornam os fatos da história mais vivos para o leitor ou ouvinte.

Para descrever, podemos empregar **adjetivos** (maluquinha, inimaginável, solto), **locuções adjetivas** (de sereia) e **orações** (que era muito bonito); podemos também fazer **comparações** (como um anjo; como um passarinho); usar **verbos que indicam estado** (era); referir-nos a **impressões sensitivas**, como cores, formas, cheiros, gostos, sons, sensações táteis.

Apesar de o assunto tratado levar a noções de oração e comparação, o conceito de ambas ainda não é trabalhado de forma explícita.

Os conteúdos, assim como os exercícios vistos na 5ª série, têm como objetivo trabalhar a seqüência lógica e as idéias numa frase, sendo constante o trabalho com coesão e coerência textuais. Talvez por esse motivo, caminham mais lentamente com relação às classes gramaticais, e não tenham trabalhado a

essa altura, o conceito de **conjunção** ou de conectivos, mas fica claro que esses elementos estabelecem conexões entre palavras, frases, parágrafos e partes maiores de um texto.

Na 6ª série, as conjunções continuam a ser vistas separadas e ainda sem especificar a função conectiva, como acontece na 5ª série. Como exemplo tomamos o exercício 4 da página 19, no qual há a presença da conjunção ora...ora, adotada no exercício como uma expressão e não como conjunção.

4. Observe este trecho:

"[Teseu] Ora ia por lá, ora por aqui, ora voltava para trás"

- O que a expressão ora... ora dá a entender sobre o comportamento de Teseu no labirinto?
- Escreva uma frase a respeito do comportamento do Minotauro durante a luta, empregando também ora... ora

Na página 90 os autores desse livro apresentam o conceito de **frase** e pela primeira vez o de **oração**.

Frase é um enunciado que tem sentido completo e é delimitado pelo ponto.

Oração é um enunciado ou parte de um enunciado que se organiza em torno de um verbo.

Tal conceituação é importante se consideramos que as conjunções são tradicionalmente vistas entre duas ou mais orações. Segundo o livro, **oração** corresponde a um enunciado ou parte dele que se organiza em torno de um verbo. Acreditamos que esses conceitos são trabalhados, visto que nesta série os

alunos já compreendem a morfossintaxe das frases, e adquirido o novo conceito de oração será mais fácil reconhecer a função conjuntiva. Percebemos, assim, que há certa diferença no tratamento de noções de frases, orações e períodos entre os livros de 6ª série analisados.

Na página 112, o exercício 1 utiliza de outras expressões para evitar a repetição do sujeito por pronomes pessoais. Essas palavras são: **mas, tão...que, nem, porque, quando, e**. Esses elementos lingüísticos continuam a ser tratados em diversos tipos de exercícios sem especificação de sua classe gramatical, de forma a preparar o aluno para o reconhecimento efetivo das conjunções.

1. É comum empregarmos o pronome na função de sujeito para evitar a repetição de termos. Veja:

substantivo	pronome
Papai, o Paulo chegou.	Ele quer falar com você agora.
sujeito	sujeito

Outro recurso que podemos usar para evitar a repetição e tornar a comunicação mais ágil é eliminar o pronome que exerce a função de sujeito e ligar as orações por meio de uma palavra ou expressão. Veja:

Papai, o Paulo chegou e quer falar com você agora.

Nas seqüências das orações seguintes, elimine os pronomes que exercem a função de sujeito e ligue as orações com as palavras ou expressões indicadas. Faça as adaptações necessárias.

- Pedro só tem sete anos. Ele já faz cada pergunta... (mas)
- O candidato fala muito bem. Ele convence qualquer eleitor. (tão... que)
- Eles não vieram jantar. Eles não telefonaram para avisar. (nem)
- Meu pai saiu muito cedo hoje. Ele tinha uma reunião com seu chefe. (porque)
- Minha mãe chegou do trabalho. Ela viu aquela bagunça na sala. Ela me deu a maior bronca. (quando - e)

De acordo com o livro *Lendo e Interferindo* de 6ª série, vimos que as conjunções apresentadas são apenas: **e, mas, ora, pois e logo**. Em contrapartida,

a análise do livro *Português: Linguagens* desta série mostra uma grande quantidade de conectivos. Além de todos já apresentados nesta parte do trabalho, foi possível encontrar na página 206, no exercício 2, a conjunção **não só...mas (como) também**. Com relação a essa questão os autores fazem uma comparação entre a conjunção **não só...mas (como) também** e a conjunção **e**, concluindo que possuem o mesmo valor de adição, no entanto ainda não as nomeiam como conjunção.

2. Compare as duas frases a seguir, a primeira delas extraída do texto 1:

"Paulo **não só** ficou sem sobremesa, **como** foi proibido de jogar futebol!"
Paulo ficou sem sobremesa e foi proibido de jogar futebol.

Como se vê, tanto na 1ª quanto na 2ª frase, o sentido é quase o mesmo: Paulo não terá sobremesa nem jogará futebol. A expressão **não só... mas (como) também** tem o mesmo valor de **e**, isto é, o sentido de soma, de adição. Na 1ª frase, o autor deixou subentendida a palavra **também**.

a) Apesar da semelhança de sentido, uma das frases é mais enfática. Qual?

b) Elimine a palavra e das frases seguintes e reescreva-as, empregando em seu lugar a expressão **não só... mas (como) também**:

- Ele pagou a dívida atual e pagou as atrasadas.
- Meus sobrinhos vieram à festa e ficaram para dormir.
- Esses jovens lêem livros e revistas e acompanham os jornais diários.

Concluimos pela análise feita a partir do livro didático *Português: Linguagens* que entre 5ª e 6ª séries há uma preocupação com a interpretação das conjunções, do ponto de vista comunicativo. Tal forma de abordagem é muito válida, pois possibilita que o aluno reconheça as diversas funções desses elementos conectores sem ter que decorá-las, mas percebê-las e entendê-las. Muitas vezes esse entendimento é possível por

interpretações dos valores semânticos, ou seja, pela compreensão de qual é a idéia expressa por um conectivo num determinado enunciado, qual a relação de um conector entre frases. Dessa forma, podemos afirmar que os exercício de 5ª e 6ª séries do livro *Português: Linguagens* permite que os alunos tenham, além de um senso interpretativo para as conjunções, a noção de que serão possíveis várias aplicações desses elementos conectivos.

Com relação à 7ª série, a série *Português: Linguagens* continua o trabalho com os conectivos sem ainda fazer um estudo específico de conjunção. Na página 85, por exemplo, o exercício 2 emprega o **pois** com o sentido explicativo, e é interessante ressaltar que ele aparece em duas posições diferentes. Tradicionalmente, essas posições são classificadas pela Gramática Normativa como explicativa: **pois** no meio da frase, e conclusivo: **pois** no início da frase, mas, na verdade, a intenção do exercício não é especificar essa outra função do conector, e sim deixar que os alunos percebam esse outro comportamento pela substituição por outros conectivos como: **por isso, porque, até que, logo, uma vez que**.

2. A palavra **pois** é empregada normalmente em situações em que se deseja explicar alguma coisa dita anteriormente. Por exemplo:

Não posso ir com você até lá, **pois** tenho um compromisso.

Note que a oração "pois tenho um compromisso" explica por que se disse antes "Não posso ir com você até lá".

Agora observe esta construção, do 3º parágrafo do texto:

"**Pois** fui visitar uma amiga cuja filha adolescente, de 14 anos, tem o rosto de um anjo de catedral"

Essa palavra foi empregada nessa situação com um sentido diferente do habitual. Qual das palavras abaixo poderia substituí-la, sem alteração de sentido?

por isso porque até que logo uma vez que

Na página 100, o exercício 4 apresenta a palavra **seja** com o objetivo de enumerar adjetivos e substantivos.

4. Quando queremos enumerar vários substantivos ou adjetivos, podemos fazer uso da construção sintática **seja(m)... seja(m)**. Observe:

Nada o detém em seus negócios, **seja** a dificuldade econômica, **sejam** os altos impostos, **seja** o desânimo de seus sócios.

No boxe "Ah! Este corpo...", os autores fazem uso dessa construção, porém de forma incompleta: empregam a palavra **seja** uma única vez, não a repetindo na enumeração. Identifique o trecho em que isso ocorre e reescreva-o, empregando **seja** antes de cada substantivo enumerado.

Os autores dizem que a palavra **seja**, sem repetição, está empregada de forma incorreta, o que difere de algumas Gramáticas Normativas que consideram **seja** conjunção podendo aparecer repetida ou não, assim como acreditam gramáticos como Perini (1996). O exercício ainda não considera **seja** como conjunção, visto que essa classe gramatical ainda não é trabalhada. A palavra **seja** é tratada mais adiante no exercício 6 da página 148 como forma verbal por meio de um anúncio apresentado na página 147.

6. Observe o texto da parte inferior do anúncio.

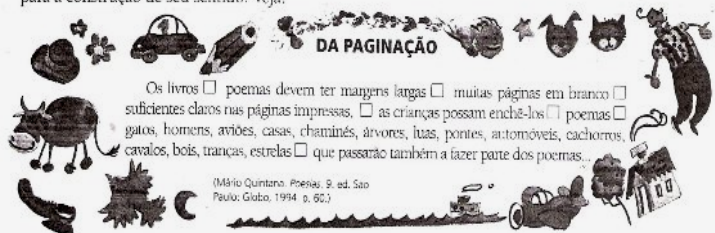
- Em que modo estão as formas verbais **seja**, descubra e faça?
- Nesse contexto, o que esse modo verbal expressa?

Na página 188, inicia-se o estudo da conectividade propriamente dito, sendo que esse trabalho se estende até a página 190.

A CONECTIVIDADE

Um texto não é simplesmente um amontoado de palavras e frases. Para fazer sentido, ele precisa ter **textualidade**, isto é, deve apresentar **articulação de idéias** (a coerência) e **articulação gramatical** entre palavras, orações, frases e partes maiores (a coesão).

O texto abaixo não apresenta textualidade, porque foram suprimidas algumas palavras essenciais para a construção de seu sentido. Veja:



Na página 192, no tratamento das posições que a vírgula ocupa, os autores afirmam que a pontuação tem o objetivo, no caso de aparecer entre termos da oração, de separar termos que exerçam a mesma função sintática, quando não forem unidos por **e**, **ou** e **nem**. Não há explicação do por que não se usa a vírgula no lugar de tais conectivos.

A VÍRGULA ENTRE OS TERMOS DA ORAÇÃO

Emprega-se a vírgula:

- para separar termos que exerçam a mesma função sintática — núcleos do sujeito composto, complementos, adjuntos —, quando não vêm unidos por **e**, **ou** e **nem**:

A irmã, o sobrinho, o mecânico e os pobres se candidataram à herança.

sujeito composto

Entendemos que pelo fato de coordenarem, respectivamente, idéias de adição, de alternância e/ou exclusão, a vírgula no lugar de **e/ou/nem** faria com que esses valores semânticos se perdessem. Por exemplo, se na frase tirada do exemplo que o livro oferece

substituímos a vírgula pela conjunção **nem**, teremos: Nem a irmã nem o sobrinho nem o mecânico nem os pobres se candidataram à herança. Percebe-se que teríamos outro valor semântico para a frase, ou seja, uma significação diferente daquela apresentada pela vírgula. Da mesma forma, se substituímos a vírgula pela conjunção **ou**, alteraremos o significado da frase, no entanto quando substituímos a vírgula pela conjunção **e**, não alteramos, num sentido valorativo, o significado da frase, visto que essa dá a idéia de que todos: a irmã, o sobrinho, o mecânico, e os pobres, se candidataram à herança.

Na 8ª série, inicia-se na página 115 o conteúdo correspondente às orações coordenadas, sendo que na página 116 os autores fornecem as classificações dessas orações: sindéticas e assindéticas, assim como, as subclassificações: aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas, explicativas.

A última vez em que o livro menciona conjunções coordenativas é na página 201, na qual o exercício 2 pede para que seja explicada a relação da conjunção com as idéias gerais das frases tiradas de um poema.

2. Observe estes trechos do poema: "e poder ver", "e descobrir", "argila e orvalho, tristeza e pão, cambão e beija-flor", "e acaba", "e de ajudar". Neles fica evidente a repetição da palavra **e**, uma **conjunção aditiva** que transmite a idéia de **adição, de soma**. Que relação há entre o sentido dessa conjunção e as idéias gerais do poema?

Conclui-se que o exercício parte do pressuposto de que os alunos já estão preparados para uma análise semântica desprendida de regras convencionais estabelecidas pela maioria das gramáticas de Língua Portuguesa.

Os primeiros aspectos analisados com relação às conjunções coordenativas, já nos permitem perceber pontos de divergência entre os dois diferentes livros didáticos selecionados e destinados às séries do Ensino Fundamental.

1º - Quanto à forma de abordagem e desenvolvimento dos conteúdos da 5ª série, o livro adotado pela Rede Pública preocupa-se muito com a questão gramatical. Apesar de também trabalharem textos, os autores da série *Lendo e Interferindo*, o fazem de modo não muito comprometido com questões textuais, pois tratam dos textos com exercícios de interpretação somente, não

CONCEITUANDO

O período "Os estilos são diferentes, mas o nosso toque é sempre o mesmo" apresenta duas orações; por isso é um período composto. Cada uma das orações é sintaticamente independente da outra, isto é, tem sujeito, predicado, verbo e predicativo e, além disso, não funciona como termo da outra. Por essa razão, trata-se de um período composto por **coordenação**.

Observe a construção deste período:

Você digita o texto.
eu o corrijo.
1ª oração 2ª oração

Nesse caso, as duas orações são **coordenadas assindéticas**, pois não se ligam por conjunção. Observe agora a construção deste outro período:

Os estilos são diferentes.
mas o nosso toque é sempre o mesmo.
1ª oração 2ª oração

Nesse período, as orações coordenadas ligam-se pela conjunção **mas**, que estabelece uma relação de oposição entre ser diferente e ser sempre o mesmo. A 1ª oração é **coordenada assindética** e a 2ª é **coordenada sindética**.

Oração **coordenada assindética** é aquela que não é introduzida por conjunção.
 Oração **coordenada sindética** é aquela que é introduzida por conjunção.

havendo interação entre texto e os conteúdos trabalhados em cada unidade.

2º - Ainda na 5ª série, diferentemente do livro de rede pública, a série *Português: Linguagens* faz alusão à função conectiva, como pode ser visto nas páginas 145, 169 e 222, porém, não deixa claro que se trata de tal função. Para melhor visualização do que está sendo dito, apresentamos o exercício 5 da página 144 pertencente à parte de produção de texto do livro: os autores abordam a conjunção **mas** a partir de um **Cartum** e verificam que a referida palavra liga duas idéias opostas.

5. A palavra *mas*, no 3º quadrinho, liga duas idéias opostas. Quais são elas?

No entanto, as conjunções ainda não foram trabalhadas em sua totalidade. Esse exercício tem o objetivo de trabalhar a seqüência lógica de idéias numa frase, sendo constante a referência às noções de coesão e coerência textuais.

3º - A noção de período simples e composto é apresentada tanto na 5ª como na 6ª série pelos livros analisados da série *Lendo e Interferindo*, como conteúdo a ser trabalhado, ou seja, é explicado de forma explícita o que é oração, assim como, o que são períodos simples e composto. Trata-se de um ponto de divergência entre as duas séries de Livros

Didáticos selecionados, pois não ocorre o mesmo no livro *Português: Linguagens*.


4º - Ambos os livros de 6ª série diferem também em outro aspecto: O livro *Lendo e Interferindo* de 6ª série já inicia o estudo de orações coordenadas, apresentando algumas conjunções coordenativas como: **e, mas, ora, pois e logo**. No entanto no livro de 6ª série *Português: Linguagens*, os autores não trabalham ainda com conjunção, visto que, na página 86 inicia-se o estudo de conectores, e são apresentados os seguintes conectivos, **que, mas, porém, ou, entretanto, contudo, e, pois, então, nem, quando, se**, como pode ser verificado nos exercícios 3, 4, 5, 6 e 7 da página 87

3. No último quadrinho, Filipe tem uma atitude machista.

a) O que ele dá a entender com a frase: "Não gosto de discutir esses assuntos de mecânica com mulheres!?"

b) Qual pode ter sido a verdadeira causa de ele ter dito isso?

4. Observe as falas do 1º quadrinho:



"A tração traseira é melhor **que** a tração dianteira!"
"Mas você não tem marca a ré."

Nos textos que falamos ou escrevemos, costumamos empregar certas palavras que unem palavras, frases e parágrafos.
A palavra **que**, por exemplo, liga **tração traseira** a **tração dianteira**, estabelecendo uma **comparação** entre as duas expressões.

Observe o emprego da palavra **mas** na fala de Mafalda acima.

a) Entre as palavras que seguem, quais poderiam substituir **mas** nessa fala, sem alteração de sentido?

- porém
- ou
- entretanto
- que
- contudo

b) Na fala de Mafalda, com que finalidade é utilizada a palavra **mas**?

- Introduzir uma idéia indicativa da causa do que Filipe tinha dito antes.
- Introduzir uma idéia contrária ao que Filipe tinha dito antes.
- Introduzir uma idéia semelhante ao que Filipe tinha dito antes.


5. Observe o emprego da palavra e no segundo quadrinho. Que tipo de idéia ele introduz?

- Uma idéia de adição ou acréscimo ao que foi dito antes.
- Uma idéia de oposição ao que foi dito antes.

6. No último balão, não há nenhuma palavra ligando as duas frases: "Tudo bem, chega!" e "Não gosto de discutir esses assuntos de mecânica com mulheres!". Entretanto, se quiséssemos ligar as duas orações com uma palavra, qual das seguintes seria mais adequada para manter o sentido original?

- mas
- pois
- e

7. Veja este grupo de palavras:



Quais delas podem completar adequadamente o texto a seguir?

e no exercício da página 88, que se refere ao texto “Os caçadores de bruxas”.

OS CAÇADORES DE BRUXAS

Há muitos séculos, na Europa, existiram os celtas. Não se sabe exatamente quando surgiu esse povo e quanto tempo viveu. Certos pesquisadores dizem que eles desapareceram por volta do século V. Outros afirmam que sua civilização continuou a existir por mais tempo na Grã-Bretanha.

Além desses mistérios, os celtas nos deixaram muitas lendas. Histórias maravilhosas sobre elfos, duendes e mulheres mágicas que ajudavam os guerreiros preparando-lhes espadas poderosas e prevendo-lhes o futuro.

Lentamente, os contos sobre fadas e magos foram trocados por lendas sobre bruxas. Em toda a Europa, os homens começaram a temer e a perseguir feitiçeras.

Essa perseguição atravessou os séculos XV, XVI e XVII. Foi quando surgiram os caçadores de bruxas. Muitas pessoas foram mortas. Às vezes, por acaso uma vaca se ferisse ou uma criança adoecesse, a culpa era sempre das bruxas. Pobre de quem gostasse de gatos ou borboletas, ia direto para a fogueira. [...]

(Helôisa Prieto. *Magos, fadas e bruxas*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1998, p. 28-9.)

É importante ressaltar que conectivos como: **que**, **se** e **quando** não são tratados pela Gramática Normativa como conjunções coordenativas e sim como subordinativas, o que nos permite concluir que ainda não é objetivo dessa série a diferenciação de coordenação e subordinação.

5º - No livro analisado: *Lendo e Interferindo*, de 6ª série, verificamos que orações, períodos são estudados desde a 5ª série, no entanto, pela atual análise do livro *Português: Linguagens* percebemos que o livro em questão tem uma maneira mais elaborada de tratar de determinados assuntos que dizem respeito às regras gramaticais, uma vez que a partir do uso que se faz da língua, mostra algumas funções gramaticais. Isso é muito importante, pois, assim, o livro possibilita a comprovação prática de algumas regras, não o fazendo de forma

simplista, mas de acordo com o uso, por meio do comportamento da linguagem num texto e dependendo de um contexto.

6º - O estudo da conectividade é visto de forma simples pelo livro da 5ª série da coleção *Lendo e Interferindo*, e posteriormente os autores não retomam o assunto de maneira mais detalhada, uma vez que já entram no estudo de conjunções na 5ª série mesmo. Diferentemente dos livros da série *Português: Linguagens*, que tratam o assunto da conectividade explicitamente na 7ª série.

Percebemos, assim, que há entre os livros uma inversão na ordem do tratamento desses conteúdos. No caso da conectividade, essa é vista pelo livro: *Lendo e Interferindo* na 5ª série, e pelo livro *Português: Linguagens* na 7ª série. Com relação à coesão e coerência textuais, são vistas na 7ª pelo livro da série: *Lendo e Interferindo*, e na 5ª pelo livro *Português: Linguagens*. Talvez isso possa ser explicado se considerarmos que o livro *Português: Linguagens* possui maior preocupação com o texto, os conceitos coesão e coerência foram tratados anteriormente à conectividade.

7º - Na 7ª série o livro: *Português: Linguagens* inicia o tratamento das conjunções coordenativas na página 223,

AS CONJUNÇÕES COORDENATIVAS

As conjunções coordenativas classificam-se em aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas e explicativas. Todas elas ligam dois termos ou duas orações e estabelecem entre esses termos ou orações um tipo de relação. Veja no quadro a seguir quais são essas relações e as principais conjunções coordenativas.

	Relações que estabelecem	Principais conjunções	
ADITIVAS	adição, soma	e, nem (e não)	Telefonei para ele e já dei seu recado.
ADVERSATIVAS	oposição, contraste	mas, porém, todavia, contudo	Gostaria de ir à festa, mas estou doente.
ALTERNATIVAS	separação, exclusão	ou, ou...ou, ora...ora, já...já, quer...quer	Ora estuda piano, ora estuda flauta.
CONCLUSIVAS	conclusão	logo, pois, portanto, por isso	Não estudei com disciplina, portanto provavelmente será reprovado.
EXPLICATIVAS	explicação, justificativa	que, porque, porquanto, pois	Vamos embora, pois já é tarde.

e posteriormente das subordinativas na página 239 até a 256, diferentemente do livro: *Lendo e Interferindo* de 7ª série analisado, que já trata de coordenação desde a 6ª série por meio de período composto. As conjunções coordenativas apresentadas são classificadas em locuções conjuntivas: **já que, se bem que, a fim de**, etc. As conjunções coordenativas são classificadas pelo livro em: Aditivas (**e, nem, e não**); Adversativas (**mas, porém, todavia, contudo**); Alternativas (**ou, ou...ou, ora...ora, já...já, quer...quer**); Conclusivas (**logo, pois, portanto, por isso**) e Explicativas (**que, porque, porquanto, pois**). O livro: *Lendo e Interferindo* apresenta, além de algumas conjunções na 6ª série, um acréscimo de

conjunções na classificação das coordenativas na 7ª série. Assim, apontamos um outro ponto de divergência entre os livros selecionados para análise:

8º - Diferentemente do livro *Português: Linguagens*, o livro *Lendo e Interferindo*, apresenta a classificação das conjunções coordenativas de maneira segmentada, dividindo-as entre a 6ª e 7ª séries, de modo que, na 6ª série são vistas as conjunções **e, mas, ora, pois, logo** e na 7ª série **como também, contudo, logo, que, ou**.

9º - No livro *Lendo e Interferindo* de 8ª série analisado há apenas uma revisão quanto à coordenação, em contrapartida, este é um estudo feito, de fato, na 8ª série pelo livro *Português: Linguagens*.

Assim como apontamos pontos divergentes, podemos observar pontos convergentes entre os dois tipos de material didático analisados (Rede Pública e Rede Particular):

1º - Há semelhança quanto à forma de abordagem de alguns exercícios, que pedem para reescrever frases e fazer adaptações necessárias, porém os autores do livro *Português: Linguagens* não utilizam de tal exercício para trabalhar a pontuação enquanto forma de estabelecer

conexão entre frases, dando a entender a função conectiva, como ocorre no livro da série *Lendo e Interferindo*. Esses são exercícios que apesar de fragmentados, exercitam no aluno o reconhecimento pela organização das frases, o que é relevante se considerarmos que um dos papéis das conjunções coordenativas é unir frases ou orações.

2º - Vimos que o assunto coordenação é estudado no livro da série *Lendo e Interferindo*, especificamente, na 7ª série, além do período composto por coordenação que é visto de forma mais explícita. Da mesma forma o livro *Português: Linguagens* nesta mesma série trata de tal assunto, o que nos permite afirmar que coordenação é um tema tratado efetivamente na 7ª série, sendo um fator comum entre os livros.

Por meio dessas comparações é possível dizer que os livros da série *Português: Linguagens* analisados não oferecem um estudo tão simplista das conjunções coordenativas, uma vez que considera várias possibilidades de interpretação em suas explicações e exercícios, levando o aluno a tirar suas próprias conclusões, produzir seu próprio entendimento acerca do assunto, o que difere, até certo ponto, dos livros da série

Lendo e Interferindo analisados, que fazem um estudo mais superficial dos conectivos, na medida em que não problematizam e tratam de forma bastante simples a questão da função conectiva.

DISCUSSÃO:

Considerações sobre o termo

Gramática:

Com relação ao termo gramática, apresentamos três concepções: **internalizada, descritiva e normativa.**

A Gramática Internalizada corresponde à gramática interna do falante da língua. Esse falante já domina um conjunto de regras que lhe permite estruturar e organizar frases para se comunicar. Nesse caso, entende-se por gramática o conjunto de regras que envolvem a linguagem e será por meio dela que procuraremos nos expressar, objetivando a comunicação, processo pelo qual procuramos entender qualquer forma de expressão da linguagem e nos fazer entender. Essa capacidade de uso da língua não exige conhecimento de livros, de gramáticas, nem escolarização, pois é o processo de amadurecimento do interlocutor em meio social, promovido

pela interação desse com o meio em que está inserido, que permite ao falante fazer bom uso da língua em qualquer situação em que se encontre.

A Gramática Descritiva descreve o uso da língua, e as possibilidades de organização e estruturação das frases, “trata de explicar o mecanismo da língua, construindo hipóteses que expliquem o seu funcionamento”. (TRAVAGLIA, 2002, p.32). Esse tipo de gramática faz uma descrição dos fatos lingüísticos e expõe esses fatos da linguagem, “porque faz, na verdade, uma descrição da estrutura e funcionamento da língua, de sua forma e função”. (TRAVAGLIA, 2002, p.27). Essa gramática propicia uma análise segmentada dos elementos da língua, por isso não expõe todos os fatores lingüísticos e todas as formações estruturais possíveis.

A Gramática Normativa é de grande circulação no país, pois dá acesso a um estudo mais prático de regras gramaticais, características preservadas pelas escolas tradicionais brasileiras, como se sabe. É constituída de estudos prescritivos e descritivos da língua, que no caso dos primeiros, mais especificamente, ditam normas quanto ao

uso que se deve fazer de elementos lingüísticos, estruturas de frases (sintaxe), funções de palavras (morfologia), significados de enunciados e palavras (semântica). Esse tipo de gramática não considera as questões discursivas e não evidencia a língua em uso, pois a intenção é estabelecer um padrão dessa língua.

A gramática normativa tem a intenção de preservar a língua padrão, que corresponde ao falar e escrever “certo”. Nesse sentido, “é concebida como um manual de regras de bom uso da língua a serem seguidas por aqueles que querem se expressar adequadamente” (TRAVAGLIA, 2002, p.24). A gramática normativa, então, baseia-se em um modelo único dito padrão de norma culta, tratado como regra jamais sujeita a modificações ou questionamentos. Trata-se, portanto, de uma gramática ditada por uma norma imperiosa e absoluta, que não considera questões contextuais, e por isso, revela-se limitada a recortes de estruturas lingüísticas possíveis dentro de uma norma. Essa limitação deve-se, em parte, ao fato de que as gramáticas normativas não admitem versatilidade dos elementos lingüísticos, que muitas vezes, exercem mais de uma função na língua, ou dependem de um contexto. Gramáticas

como essas costumam considerar simples as estruturas da língua, sendo que estruturas mais complexas caberão a outros tipos de gramáticas.

Com relação ao tratamento das conjunções coordenativas do Português, as gramáticas descritivas, por exemplo, analisam enunciados que nem sempre possuem o sentido previsto pelas gramáticas normativas. Isso se dá quando se considera a multifuncionalidade que é possível para determinados elementos lingüísticos, principalmente se levarmos em consideração as suas várias possibilidades de posicionamento e contextualização. A conjunção **e**, por exemplo, é considerada pela gramática normativa como um conectivo aditivo, que somente coordena orações independentes que se relacionam por um sentido de adição. Porém, o que essa gramática não menciona é que nada impede que um falante a utilize para a produção de enunciados que se contradizem, como se verifica em Perini (1996). As Gramáticas prescritivas não costumam tratar de tais relações e excluem muitas construções que correspondem à manifestação natural da língua, por meio da qual os usuários se

comunicam para produzirem estruturas lingüísticas compreensíveis.

As Conjunções

A produção de enunciados por falantes de uma língua é facilitada por elementos responsáveis pela junção e ordenação das idéias, ou seja, por elementos coesivos que propiciam a relação de frases, parágrafos dentro de um texto, seja falado seja escrito. Não podemos negar, portanto, a relevância dos conectores, de modo geral, para os processos de produção/compreensão/recepção textuais.

Tratando-se primeiramente da definição de **conjunção**, temos que esta para as gramáticas normativas tem a função de unir duas orações. Bechara (2000) define **conjunção** como a unidade que une orações num mesmo enunciado. Já para Luft (1979), esta é a “palavra gramatical invariável que estabelece coordenação ou subordinação entre dois membros da oração ou entre uma palavra e uma oração, entre duas orações, e, mais raramente, entre dois períodos”. (LUFT, 1979, p.141). Conjunção, segundo Melo (1980), é uma palavra que exprime relações de paralelismo sintático, ou seja,

liga elementos que se correspondam sintaticamente ou pertençam à mesma função sintática.

O posicionamento de Guimarães (1987) difere, até certo ponto, do dos autores anteriormente mencionados. Para ele “o que normalmente se diz das conjunções é que elas ligam orações. Isto sem dúvida é verdade, mas esta classe de palavras tem, nas construções em que aparecem, outras funções, seguramente tanto e até mesmo mais significativas”. (GUIMARÃES, 1987, p.35).

Por meio destas considerações, podemos perceber que tanto para gramáticas normativas quanto para estudos de cunho discursivo, as conjunções podem ser definidas como elementos conectivos, ou seja, sua função é ligar enunciados ou partes deles, porém é nesse ponto que os autores divergem, uma vez que as gramáticas normativas adotam uma postura fixa, especificando regras, sendo poucos os gramáticos que acreditam numa interpretação que leve em consideração o discurso ou a língua em uso. Dentre esses poucos autores podemos citar Neves (2002).

A seguir apresentamos alguns comentários sobre as conjunções

coordenativas do Português brasileiro, lembrando que as classificações variam de autor para autor.

As Conjunções Coordenativas

Pela análise feita nas gramáticas de Língua Portuguesa, principalmente as normativo-pedagógicas, podemos afirmar que as conjunções coordenativas apresentadas são as que se seguem:

- ADITIVAS: e, nem, não só, mas também, senão ainda, não somente...

- ADVERSATIVAS: mas, porém, contudo, entretanto, não obstante, todavia...

- ALTERNATIVAS: ou... ou, ora...ora, já...já, quer...quer...

- CONCLUSIVAS: logo, portanto, por conseguinte, por conseqüência, pois (posposto ao verbo)...

- EXPLICATIVAS: pois (anteposto ao verbo), porque, que, porquanto...

Segundo Bechara (2000), as conjunções coordenativas unem orações independentes e conseqüentemente estruturas independentes menores.

Perini (1996) diz que, como tais unidades são independentes, não há a necessidade de correlacioná-las

sintaticamente, pois tal relação não será possível, o que ocorrerá será uma relação semântica, que determinará o papel do coordenador ou conjunção coordenativa. “Quase a única afirmação que vale para todos os casos é a de que, quando duas ou mais estruturas são unidas por coordenação, nenhuma delas exerce função sintática dentro de nenhuma outra”. (PERINI, 1996, p.143).

CONCLUSÃO:

Tendo em vista o material adotado, percebemos que, no que diz respeito ao uso de elementos de conexão, os livros usados por escolas particulares têm uma proposta menos simplista do que os adotados pela rede pública, pois incorpora elementos e atividades interacionistas, que correspondem à linguagem em processo comunicativo e, considerando que essas são também características do discurso, percebemos que esses livros didáticos relacionam-se à base teórica que priorizamos para este estudo, uma vez que tanto os livros analisados como, e, principalmente as teorias adotadas, interessam-se pela língua em uso.

Constatamos que sob a visão da Lingüística Textual e do Funcionalismo é possível uma melhor compreensão das funções exercidas por conectores coordenativos, pois essas teorias consideram questões discursivas e colocam em evidência ocorrências reais do uso de conjunções coordenativas, ou seja, a língua em uso, desprendida de regras fixas, mas dependentes de um contexto e de interlocutores.

Por meio da análise feita nos livros didáticos do Ensino Fundamental, foi possível constatar que a complexidade do assunto que envolve as conjunções coordenativas é proporcional ao nível de escolarização, ou seja, em séries iniciais, os alunos nem ao menos chegam a ter conhecimento da definição do termo **conjunção**, porém adquirem uma base morfológica e sintática, de conhecimento das palavras e estruturas de frases, que possibilita a eles entenderem minimamente tal assunto em séries posteriores.

De acordo com os livros didáticos e as gramáticas de Língua Portuguesa analisados, podemos dizer que existem algumas possibilidades de um mesmo conector manifestar outras funções na linguagem, como verificado em Perini

(1996) com relação ao conector *mas*, porém nos livros didáticos não há o tratamento do ponto de vista multifuncional dos elementos conjuntivos. Esse material pedagógico detém-se em uma classificação simplista, menos profunda que a feita pelas gramáticas selecionadas.

Os livros didáticos oferecem exemplos que não visam demonstrar a relação semântica entre sentenças, pois por meio da relação semântica entre frases, é possível, por exemplo, determinar qual a melhor conjunção para unir determinadas sentenças. Os exemplos utilizados são simples, prevêm exatamente a relação que irá ser estabelecida por determinada conjunção, de acordo com o que tradicionalmente se sabe a respeito dela.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000.

FÁVERO, L. L.; KOCH, I. G. V. **Linguística Textual: Introdução**. São Paulo: Cortez, 1988.

GUIMARÃES, E. **Texto e argumentação: um estudo de conjunções do português**. Campinas: Pontes, 1987.

LUFT, C. P. **Moderna gramática**

brasileira. Porto Alegre: Globo, 1979.

MELO, G. C. **Gramática fundamental da língua portuguesa**. Ao livro técnico S/A – Ind. e Com. RJ – RJ/1980.

NEVES, M. H. M. **A gramática: histórica, teoria e análise, ensino**. SP: Unesp, 2002.

PERINI, M. A. **Gramática descritiva do português**. 4^a ed. São Paulo: Ática, 1996.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e Interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus**. 8^a ed. São Paulo: Cortez, 2002.

Série dos Livros didáticos analisada

FRASCOLLA, A.; FÉR, A.S.; PAES, N.S. **Lendo e interferindo** – (1^a a 8^a série). São Paulo: Moderna, 1999.

SARGENTIM, Hermínio. **Brincando de Escrever** – (volumes 1 a 4). São Paulo: IBEP, 2003.

CEREJA, William Roberto;

MAGALHÃES, Thereza Cochar.

Português: Linguagens – (5^a a 8^a série). São Paulo: Atual, 2004.